



au revoir simone

VERSES OF COMFORT, ASSURANCE & SALVATION

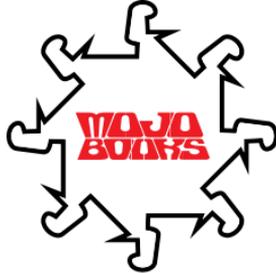
recontado por **ERIKA KOBAYASHI**



Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da MOJO Books, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

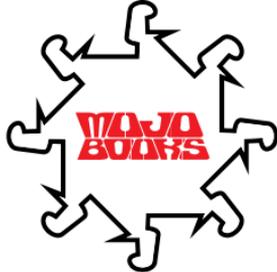
Danilo Corci
organizador



VOLUME 32

**VERSES OF COMFORT,
ASSURANCE & SALVATION
au revoir simone**

recontado por **ERIKA KOBAYASHI**



VOLUME 32

**VERSES OF COMFORT,
ASSURANCE & SALVATION
au revoir simone**

MOJO BOOKS é a divisão literária da revista *Speculum*

edição **Danilo Corci e Ricardo Giassetti**

direção de arte e capa **Delfin**

revisão **Camila Werner**

Julho de 2007

Fazia quase um ano que Patrícia andava com um caderno vazio na bolsa. A primeira vez que o abriu foi um dia depois de tê-lo comprado em Londres. Seu décimo segundo passo na Millennium Bridge em direção ao Tate Modern tinha sido interrompido pelos sinos da Saint Paul. Aquela imensa construção de metal. Obstáculo ou moldura? Gravou mentalmente “onze passos e meio” e pegou a caneta na bolsa.

O que restou daquela travessia foi a palavra “*unframed*” escurrida em devaneios e pingos grossos de chuva.

Patrícia tentava encontrar algum sentido naquele vestígio de uma história construída sobre um grande hiato de folhas em branco. Havia, de fato, construído alguma história? De que maneira sua memória contava isso meses depois? Era meio estranho. Na sua cabeça, a garoa de Londres sempre chegava pela janela antes mesmo de ela sair da cama. Dureza levantar naqueles dias de chuva fina e constante. Água que nunca chegava no meio do nada, perdida nos teclados e vocais embaralhados de “Back in Time”. Era essa sua lembrança daquela tarde de verão.





Patrícia estava arrumando as malas quando achou o tal caderno. Buscou no computador a pasta Au Revoir Simone, passou as músicas para o iPod e foi reconstruindo os minutos de espera pelo ônibus noturno. As noites dos últimos meses tinham sempre a mesma seqüência, às vezes, randômica: expulsar os últimos clientes do *pub*, recolher os copos, limpar as mesas e o balcão, arrancar o avental mecanicamente, pegar a bolsa, tomar uma com os colegas ouvindo alguma história besta, pés moídos e a parada do ônibus — lá, sempre meio arrependida de não ter saído antes da história besta ter acabado (por essas e por outras bobagens, chegava no ponto sempre depois do ônibus noturno ter passado).

* * *

É claro que ela não conseguiu cumprir sua *to do list* antes de deixar a cidade. De todo jeito, fez questão de usá-la como pretexto pra não ter tempo de tomar um café de despedida com o ex que nem chegou a ser namorado. Ou foi? Não dava tempo de pensar nisso. Para variar, estava atrasada. Rabiscou um “*bye*” em um pedaço de papel, largou os últimos pences e as chaves sobre a mesa da cozinha, esvaziou a lata de Cadburry na caneca de leite

e correu para a Victoria Station. O que ela menos cogitava era perder o ônibus rumo a um outro país.

Londres tem sons leves e estruturas pesadas. Parece um estômago roncando de fome. Sempre há um certo incômodo orgânico enforcado nos pés apressados da manhã. Patrícia deixou a estação de ônibus um pouco incomodada. Podia ser fome, mas eram os vãos que não tinham sido preenchidos naqueles muitos meses. E que serão ocupados por outras pessoas. Ou pior, já foram. “Bom, isso não é problema meu”, pensou. Quer dizer, é, sim... Pegou o celular, começou a escrever uma mensagem de texto e capotou de sono.

* * *

Era perto da hora do almoço quando Patrícia foi acordada pelo incômodo e, desta vez, era fome mesmo. Vasculhou a mochila em busca do sanduíche preparado na noite anterior, mordeu um pedaço e mergulhou de novo nos teclados das meninas do Brooklyn. Não havia sol, nem era de se esperar que houvesse. Também não havia chuva. Menos mal. Fofas essas estradinhas inglesas. A música era uma rota de fuga também. Olhou para o nome do álbum na tela e riu. *Verses Of Comfort, Assurance &*



Salvation...

Aumentou o volume e ficou se esforçando para lembrar quem era mesmo que havia dito que as pessoas ficavam sensíveis em épocas de mudança de estação. Podia ter sido um cliente bêbado de fim de noite em um pub. Teriam os ingleses esse tipo de papo? Talvez não. Tantas pessoas tinham passado pela sua vida, tantas conversas jogadas fora. O tempo todo ocupado pela presença dos outros e do sotaque carregado. Sua rotina não tinha espaço pra respiros, silêncios necessários inclusive para que pudesse guardar filosofias baratas e que, em alguns momentos, tinham a função de oráculos reconfortantes, prenúncios de que algo na vida poderia fazer algum sentido. Fez as contas: em menos de vinte dias, começaria a primavera. Não tinha pensado nisso, que tinha escolhido passar a primavera em Paris.

Patrícia deu mais umas mordidas no sanduíche e abriu Caio Fernando Abreu. Foi passando os olhos pelas páginas e parou em Londres, num dia 28 de janeiro:

“Amanhã é dia de nascer de novo. Para outra morte.

Hoje é dia de não tentar compreender absolutamente nada, não lançar âncoras para o futuro.”

Ok, Paris.

* * *



Ok, Paris. Quente, relativamente quente. Catorze graus. Cidade escurecida, nenhuma graça especial, nada das magníficas luzes de que tanto falam, pelo menos na estação Gallieni. Pegou a mala no bagageiro, achou uma prateleira de revistas gratuitas, escolheu uma — para dar uma treinada no francês — e enfrentou as escadarias dos subterrâneos de mala, revista e casaco nas mãos. E a mensagem de texto na pasta de não enviadas do celular. Tão ignorada quanto o borrão do caderno sem traços, mais rodado que muita gente por aí, incluindo uma viagem de ônibus Londres-Paris com direito a vento no cabelo na travessia do Canal da Mancha.

* * *

Ainda tinha fome quando chegou no hoteleco em Marais. Subiu mais escadas, dois andares de degraus de madeira barulhentos, e, apesar de ter reservado com antecedência, ela não conseguiu o quarto dez (o único com banheiro dentro, segundo a amiga que passou o contato), mas tinha uma vista simpática “para uma pracinha tranqüila e um *pub* nojento”.

Limpa, e de estômago vazio, saiu para caminhar sem rumo, afinal, estava em Paris. Era clichê sair por aí, mas para fazer o



quê? Deu uma volta pelas ruas do bairro, cruzou uma ponte, passou por umas ruazinhas semi-desertas e achou que já estava bom. Amanhã eu volto. No hotel, de novo o barulho das escadas, um rastro de cansaço acumulado dos meses em Londres e a excitação de quem dormiria a primeira noite em outra cidade.

Ao chegar no quarto, pegou o celular para ligar o despertador. Idéia besta ligar o despertador na primeira noite. Bom, também é o primeiro dia acordando em Paris. Viu a mensagem não enviada. Foda-se a hora. *Send.*

* * *

Patrícia acordou no meio da noite com a sensação de estar respirando em Londres, meses atrás, em um quarto que não era o seu. Moveu a perna esquerda em busca de um corpo enquanto deslocava suavemente o quadril em direção ao espaço desocupado da cama. Os pés estavam gelados. Foi abrindo os olhos e o que viu era um espelho em frente de uma pia em um canto da parede e uma janela fechada. Aos poucos, recuperou a imagem do pub e da praça e alcançou o rosto com as costas de uma das mãos para limpar os olhos.

Levantou ainda meio zonza. Contextos desencaixados e des-

tacados do tempo e do espaço, de todas as histórias vividas. Sem referências, sem vontades, sem espaço comum compartilhado. Do lado da cortina empoeirada, o abajur aceso dava um certo conforto, granulando luzes e cores. Faltava só um rádio antigo. Patrícia estava deitada no asfalto de um dia que tinha acabado de anoitecer, ainda meio morno de sol, pés descalços com cada dedo tocando as falhas do chão, fundindo-se com este terreno bruto. Asfalto de uma grande avenida parada, olhando para o céu no vão entre os prédios erguidos pelas duas calçadas.

* * *

O despertador tocou. 9:00. Ainda deitada, alcançou a cortina com a ponta do pé e abriu uma fresta. Nada de chuva. Havia um resquício de sol batendo nas janelas do prédio da frente. Reparou que a transparência do vidro era cortada por rastros de fuligem. “Caralho, há quanto tempo não limpam esta janela?” Sentiu um certo nojo do lençol que a cobria. Aquela mancha no canto da janela podia ser uma lembrança de um casal duro em lua-de-mel que ocupou o quarto na semana anterior.

Pulou da cama.

* * *



Patrícia sustentava o vazio do estômago que queimava, apagando uma parte da consciência. Cruzou a ponte Louis-Phillipe e não chegou a entrar em nenhuma ruela da noite anterior. Quis contornar a ilha no sentido anti-horário, pisando com cuidado o riscado do mapa em 3D. O vento entrava pela barra da calça e seus pêlos interrompiam qualquer tentativa de carícia. A cidade se projetava distante do que estava acostumada a ver nos cartões postais.

Ela também tinha se enganado com a imagem de Paris como um território neutro de memórias. Todas elas se faziam presentes, mesmo que nunca tivesse morado lá. Ficou inconformada com essa nostalgia estranha: parecia ter avançado no tempo e depois retrocedido para aquela manhã. Não era só familiaridade. Com os olhos despencando sobre o Sena, Patrícia se sentia invadida por lembranças do que ainda estava por viver. Difícil controlar palavras e definições que nascem a cada instante. Preciso viver mais e parar de querer dar nome às coisas...

* * *

Foi andando mais um pouco pela margem, morta de sentidos. Então, foi ultrapassada por um vulto. Virou o rosto e quis tocar

aquelas costas por meio do seu olhar, chegar no que existe de mais íntimo com a distância. Patrícia não quis se apressar. Seguiu-o sem fazer barulho. Qualquer movimento mais brusco ou traço de respiração poderia interromper essa harmonia. A sua volta, nenhuma placa indicava onde estava. Avistou apenas uma inscrição em um poste de luz: IV-2386. Intraduzível. Se quisesse voltar para lá, não acharia nunca mais este exato lugar, fosse em guias, mapas da cidade ou buscas pela Internet.

Olhou de novo para o corpo que cortava o ar a sua frente: pernas um pouco arqueadas para fora e um ritmo estranho no andar. Seu braço direito era um pêndulo quebrado.

Fechou os olhos. O desejo foi se construindo rapidamente. Apesar da velocidade, sentia a extensão de cada músculo do seu corpo. Respirou profundamente. Uma, duas vezes. Antes que chegasse na segunda expiração, o cheiro da cidade foi se transformando. Num êxtase desgovernado, tocou a vibração do som dos sapatos no chão de pedra. A saliva foi se formando espessa. Não havia mais ar. Patrícia fechou os olhos e caiu no abismo trazido por uma intimidade desconhecida. Poucos segundos haviam se passado, ou menos, quando ela reabriu os olhos. O vulto havia sumido.

* * *



Desceu as escadas para perto da margem, subiu de novo, percorreu os limites da ilha e nada. Passou por uma outra ponte sem se dar o trabalho de procurar nomes, indicações e placas, e foi andando em direção à cidade. Queria livrar-se daquela frustração momentânea. Ela morria um pouco, sim, e corria para sentir-se viva de outra forma.

Ao atravessar a avenida a caminho da Rivoli, o tempo já era outro. Mesmo que o farol de pedestres mudasse de cor devagar, a ponta do pé de Patrícia já estava fora da calçada, tocando as listras desenhadas no chão. As pessoas andavam com um certo estardalhaço, embora se mostrassem impassíveis. Patrícia estava com fome e o desconforto agora era grande. Ela havia perdido algo que nem chegou perto de possuir.

Poderia, poderia sim ter ficado por lá, entrado em qualquer boulangerie mais tranqüila... Não, não dava. Queria apagar esse ritmo que a levou tão longe, a perder-se de si e do vulto. Precitava prender-se à realidade, desviar das pessoas que vinham na direção oposta, ouvir o barulho da máquina de expresso, de xícaras, pires e colheres se batendo, o rasgo do papel do torrão de açúcar. Anestesiada, mexia o café raspando a colher no fundo da xícara.

Ficou nervosa com o barulho das moedas sobre o balcão e



tinha raiva de todos aqueles elementos materiais e palpáveis, do seu pé direito batendo no chão enquanto esperava o troco. Encheu o espaço livre da sua memória com preocupações e tarefas mentais — era incrível a velocidade com que esses pensamentos chegavam nessas horas. Transformou aquela espera num sufoco.

O descuido era proposital, assim como a mão empoeirada e os dedos melados do café que tinha escorrido pela asa da xícara. Impregnada dessa realidade, não conseguiu mover seus passos em direção à rua. Tentou, mas algo prendia seus passos lá dentro.

* * *

Pelo espelho do salão do café, avistou três meninas entrando. Tiraram seus casacos e sentaram-se em uma mesa perto da porta. Deviam estar em férias. Estaria ela em férias também?

Seu olhar continuou numa trajetória despretensiosa, ainda no espelho. O sol tomava espaço, atravessava o vidro embaçado que separava os barulhos da rua do interior do café. Colocou os fones no ouvido e, de novo, ouviu as meninas de vestidos soltos e leves, com ar entorpecido de uma leve poeira de estrada.



O espelho fundia-se com as garrafas expostas no bar. Parecia que fazia muitos dias que tinha virado uma xícara de café naquele mesmo balcão. Não pensava em voltar para a rota de fuga para a realidade. Quer dizer, já estava inserida nela, mas achara uma passagem para a lentidão de sentidos de novo. Parou de bater o pé no chão, buscou uma mesa mais acolhida pelo sol e perdeu um suco de abricó.

Goles curtos e espessos. Queria ter os pés descalços ou, pelo menos, um casaco que pesasse menos.

Olhou de novo para a mesa das gringas e pensou no pacote de férias com direito a passagem aérea e hospedagem sem café-da-manhã, na nécessaire abarrotada de produtos de maquiagem e cremes e, principalmente, como é que seria carregar essa cara de nojo ao cruzar com um mendigo bêbado no metrô. Aos doze anos de idade, achava que seu futuro glamouroso seria esse, o da nécessaire abarrotada em viagem de férias com as amigas de infância. Ou então as três poderiam ter se encontrado em um trem a caminho da França e passado a noite no vagão-boteco virando umas cervejas, enrolando fumo na seda e sonhando com uma banda e uma turnê com estrutura decente. Estariam lá no café dando um tempo antes do ensaio e Patrícia poderia ser testemunha de algum momento decisivo na carreira da banda, daqueles

episódios que se contam em alguma entrevista para a MTV.

* * *

Empurrou a porta pesada de vidro que dava para a rua e foi andando quase que automaticamente para cruzar uma das pontes que dava para a ilha. Dessa vez não olhou o nome de nada, foi se aquietando e sentou debaixo de uma árvore em uma das curvas do caminho. Sem resposta do SMS, sem previsão do tempo, sem Internet, sem muito rumo na vida. E ficou.

Abriu seu caderno, olhou para o “unframed” borrado na primeira página. Pulou o verso e começou a escrever na segunda folha:

Paris, 5 de março de 2007.

Sinto uma desconfiguração sutil. Coisas mudam de lugar, mas não de espaço. Estão delimitadas por cantos de vidro e uma certa transparência. Limites disformes. Me jogo contra isso para me rasgar um pouco, abrir. Procuo um ponto áspero, ácido talvez para fazer brotar o prazer inteiro. O espaço é translúcido, suave, mais leve agora.

Pergunto-me se você está vivo nessa sombra. De onde vem a luz que se projeta na sua casa? Queria saber onde é a sua casa agora,



que ruas você percorre.

Talvez me daria mais conforto fazer esses mesmos caminhos, mesmo que em horários alternados.

Hoje decidi escrever para você. Uma carta por dia. Não contei quantas folhas tem este caderno, não sei quantos dias ele vai durar. Tudo parece ter sempre uma data de validade. Você sabe que isso me incomoda um pouco, saber que vai acabar.



FIM

SOBRE A BANDA

Voltando de uma viagem de fim de semana com amigos, Erika Forster e Annie Hart bateram um longo papo no trem para Nova York. Era outono de 2003 e as duas descobriram que tinham o mesmo desejo: montar uma banda de tecladistas. Depois de um tempo, juntaram-se a Heather D'Angelo e as três começaram a tocar em Manhattan e Brooklyn músicas que extraem poesia e suavidade de teclados eletrônicos. Quando procuravam um nome para o álbum, Annie se deparou com um pequeno livro chamado *Verses of Comfort, Assurance & Salvation*, captura perfeita de sentimentos e vocais inspiradores.

CRÉDITOS ORIGINAIS

VERSES OF COMFORT, ASSURANCE & SALVATION - AU REVOIR SIMONE

Design e Fotografia por Au Revoir Simone

Lançado em 31 de outubro de 2005

Selo: Moshi Moshi Records

Produzido por Rod Sherwood

Para mais informações sobre a banda, visite:

www.aurevoirsimone.com

SOBRE A AUTORA

Erika Kobayashi é jornalista e pesquisadora em cultura japonesa. É uma das criadoras do Espaço Cultural KIAI e edita as colunas *Artes Visuais* e *Atitude* no site *notirT*. Viciada em diários, resquícios e memórias, mantém o blog *Abrindo o Livro de Cabeceira* desde 2002 e o flickr *journal intime*, com imagens de *webcam*, desde 2005. Atualmente, mora em Paris, onde desenvolve uma pesquisa sobre as mulheres japonesas. Au Revoir Simone roda em *boucle* no seu computador.

ATRIBUIÇÃO: USO NÃO-COMERCIAL COMPARTILHAMENTO PELA MESMA LICENÇA 2.5 BRASIL

A MOJO BOOKS é filiada à Creative Commons.

Com este livro você pode:

- copiar, distribuir, exibir e executar a obra
- criar obras derivadas

Sob as seguintes condições:

Atribuição. Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante.

Uso Não-Comercial. Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.

Compartilhamento pela mesma Licença. Se você alterar, transformar, ou criar outra obra com base nesta, você somente poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta.

- Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outros os termos da licença desta obra.
- Qualquer uma destas condições podem ser renunciadas, desde que Você obtenha permissão do autor.

Qualquer direito de uso legítimo (ou "fair use")
concedido por lei, ou qualquer outro direito protegido
pela legislação local, não são em hipótese alguma afetados
pelo disposto acima.

32 VERSES OF COMFORT, ASSURANCE & SALVATION

AU REVOIR SIMONE

PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM



1. THROUGH THE BACKYARDS OF OUR NEIGHBORS
2. HURRICANES
3. THE DISCO SONG
4. WHERE YOU GO
5. BACK IN TIME
6. THE WINTER SONG
7. AND SLEEP AL MAR
8. STAY GOLDEN

